

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



**SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL**

||

EDITORIAL

O 1º MANDAMENTO ...

Talvez que se afigure como inútil e redundante chamar a atenção para um dever que sobre todos nós impende e que é o da "caridade fraterna". Com efeito, se há virtudes que, teoricamente, despertem um aplauso de unânime aceitação, esta é uma delas. Na prática, porém, e como bem sabemos, até por experiência própria, a Caridade é algo esquivia, permanentemente ameaçada...

E, mesmo, para os homens disponíveis e bem fornados, incluindo os que não hesitam em se entregar totalmente às causas altruístas e filantrópicas, a caridade, tantas e tantas vezes, é cercada por inúmeros obstáculos e contratempos limitativos.

E chegamos, então, a uma clamorosa razão de escândalo: nunca se falou tanto, como hoje, na pessoa humana, no seu carácter inviolável e sagrado e nunca tão largamente se ofenderam os seus direitos fundamentais.

Talvez que a maior parte das vezes nem seja por intencional desprezo às normas da consciência. Mais, certamente, pela despersonalização das relações humanas, nesta caótica sociedade onde, a cada passo, somos tratados como unidades abstractas e coisificadas e não como pessoas humanas e reais — em que a formulação quantitativa geral se sobrepõe grosseiramente, em desabusado formalismo aritmético, à expressão qualitativa, natural e particularizada da criatura humana. Daí, ódios, lutas, inimizades, a formarem a tríade sinistra que rege os destinos desta pobre humanidade. A concórdia, a paz, tal como a união e o Amor andam, de todo, esquecidos e espeznhados. O homem provoca Deus insensatamente e faz tábua-rasa dos mandamentos divinos!

Quando, certo dia, os Apóstolos (talvez imbuídos de uma céptica curiosidade) fizeram a Cristo esta pergunta frontal: "Mestre, qual é o maior Mandamento da Lei?", devem ter ficado bem surpresos e admirados pela resposta de Jesus, rápida, pronta, categórica, incisiva: — "O AMOR. O Amor a Deus e aos Homens" — em seu natural e inseparável complemento.

O maior preceito da Lei divina foi, assim, expresso em toda a sua plenitude: "amar a Deus sobre todas as coisas e ao Próximo como a si-mesmo". Desta Lei do Amor fez o próprio Cristo o tema primeiro da sua cruzada de Redenção. E, mais tarde o seu "mandamento pessoal". De outro modo não se entenderia a promessa formal com que nos garantiu: "tudo o que fizerdes a um dos mais pequenos dos meus Irmãos é a Mim que o fareis".

Tendo assumido a natureza terrena uniu a Si, numa grande e vasta família, a humanidade inteira, aglutinando-a pelos laços profundos de uma solidariedade natural. E da Caridade fez, outrossim, o sinal tangível dos seus discípulos, arautos-ínteres: "peio Amor que tiverdes uns pelos outros todos vos reconhecerão por meus discípulos".

Da mesma forma que, no início, A Igreja se mostrava, deste modo, inteiramente reunida à volta de Cristo pelo laço da Caridade, também em todos os tempos se fez reconhecer por este mesmo sinal de Amor. Rejubilando com todas as iniciativas dos outros, ela considera, não obstante, as obras a favor do Próximo como uma parte da sua própria missão e como um direito inalienável. Daí que, por exemplo, as Misericórdias e as outras múltiplas obras de solidariedade e socorro mútuo a todos os necessitados sejam particularmente avaliadas pela Igreja.

E para que este exercício da Caridade, a favor de todos os infelizes e necessitados esteja sempre acima de toda a crítica e apareça como tal é preciso ver no Próximo a imagem de Deus — a Quem é oferecido, na realidade, tudo o que é dado ao nosso Irmão em dificuldades.

E fundamental, porém, que a dignidade e a liberdade da pessoa humana socorrida sejam, sempre, respeitadas com a maior discreção. A rectidão das intenções não deve estar maculada com a procura de qualquer interesse próprio nem igualmente com algum desejo de domínio ou notoriedade. E fundamental que olhemos sempre às exigências da justiça de modo a que se não dê como um dom de caridade o que é devido a título de justiça social!

E é, na verdade, com esse mesmo espírito isento, desapassionado, discreto e equilibrado que as Misericórdias exercem toda a sua larga acção caritativa. Sem alardes, nem fantasias. Fazendo todo o Bem possível — sem jamais olharem a quem...

UM TEMA DE MEDITAÇÃO

A atenção dos homens mais responsáveis concentra-se no mundo da saúde e da assistência, um mundo cada vez mais vasto e complexo.

Lembramos apenas algumas cifras: — Morrem anualmente 46 milhões de pessoas por doença; cerca de um bilião de pessoas são vítimas da má nutrição e da doença; em muitas zonas do mundo a média da idade não chega aos 50 anos; em países subdesenvolvidos a mortalidade infantil ronda os 100 a 200 por mil; 800 milhões de pessoas vivem em regiões de paludismo. Já não falamos no chocante desequilíbrio verificado pelo que diz respeito à distribuição do pessoal sanitário e dos centros hospitalares. Mesmo entre nós.

Em muitos casos encontramos-nos hoje perante uma medicina desumanizada. Acentua-se o progresso das ciências biológicas. São espectaculares os avanços da cirurgia, lançando mão da técnica mais sofisticada. Medicina mais eficiente, sem dúvida. Todavia quantas vezes isto tudo anda aliado com o esquecimento das mais elementares normas da ética e das necessidades espirituais do homem.

Em recente encontro com os médicos João Paulo II pediu-lhes encarecidamente: "Vós estais vocacionados a humanizar a medicina, a tornar a medicina mais humana.

Parece-me que se torna urgente programar uma eficiente pastoral sanitária, uma catequese adequada ao pessoal médico e para-médico, a todos os níveis.

Sem esquecer mesmo o problema da administração dos Sacramentos, quantas vezes feita clandestinamente e à pressa.

Quando vemos multiplicarem-se as preocupações da pastoral por tão variados sectores da actividade humana é preciso que o vasto mundo dos doentes e moribundos não fique esquecido nem seja relegado para segundo plano."

de A ORDEM

Nossos bons Amigos da IMPRENSA e da RÁDIO

*

É para nós bastante consolador e gratificante o aplauso que vem sendo dispensado a este "Boletim Informativo", cabendo desde logo uma referência muito especial aos diversos órgãos da Imprensa da região e de outras zonas, quer do distrito como da diocese, bem como a Rádio Renascença, Rádio difusão Portuguesa (RDP), Rádio Alitude (Guarães) e Rádio Antena Livre (Abrantes). Com efeito, todos estes meios da comunicação social lhe dedicaram um espaço individualizado e, na grande maioria, transcreveram, mesmo, na íntegra ou em largos parágrafos, artigos e locais nele publicados - o que vivamente nos sensibiliza.

E o facto tanto mais nos desvanece quanto bem sabemos tratar-se de um simples BOLETIM, sem pretensões nem veleidades de qualquer espécie, ainda numa fase de incipiência; e grandemente limitado, quer na apresentação, como no aspecto gráfico, reduzido por ora ao mínimo possível de encargos.

Decerto que será nosso grande empenho ir procurando melhorá-lo, na medida das possibilidades, de modo a tornar-se num elo de ligação, forte e consistente, que venha a unir no mesmo grande amplexo de solidariedade os Irmãos da Misericórdia, os seus Benfeitores e Amigos e, ainda, de uma maneira geral, todos os nossos conterrâneos que se encontram espalhados pelos mais diversos cantos da terra portuguesa.

Mas, nos tempos que correm, todas as aventuras editoriais, por modestas que sejam, experimentam dificuldades, estorvos de toda a ordem. Levantam-se sempre obstáculos e impedimentos contra os quais é difícil, tantas e tantas vezes, esgrimir favoravelmente. Como bem se conhece, a vida de toda a comunidade portuguesa, nos seus mais variados aspectos, está marcada pelo duro ferrete de uma grave crise. Daí que as dificuldades e carências surjam a cada passo. E só os demasiado crédulos se deixarão embalar com as promissoras esperanças num volte-face, a curto prazo, com que alguns triunfalistas nos acenam repetidamente. E de estar em guarda, pois esses venturosos augúrios mais não constituem, afinal, do que um sofisticado emoliente para deslaçar o rictus contrafeito da nossa emargurada apreensão quanto ao futuro - mesmo, ainda, o dos nossos filhos!

Não obstante, porém, os múltiplos condicionamentos que se levantam, é nosso propósito continuar em frente, sem quebras nem desfalecimentos, procurando, com toda a honestidade e isenção, informar, esclarecer, confluir, dinamizando vontades agrupando esforços e propondo caminhos e metas - sempre em respeito absoluto e fiel ao mandato que tão confiadamente nos foi entregue e que jamais quereríamos pudesse vir a ser frustrado.

O CUSTO DA VIDA

Com graça, talvez como protesto contra o elevado custo dos bens de consumo, e não só, que sobem em flecha e, com certeza, como grito de presença, "vivo, logo existo", o dinâmico nonagenário Alberto Simões, de Tomar, mantém-se "notícia" no "Boletim do Porvir", ao enviar o curioso apontamento que publicamos:

Tabela comparativa de alguns custos e preços

Artigos	Em 1914	Em 1921	Em 1941	Em 1983
Arroz	\$12	1\$40	2\$70	56\$00
Açúcar	\$24	2\$40	4\$50	60\$00
Azeite	\$30	5\$00	7\$00	280\$00
Bacalhau	\$32	2\$60	7\$50	475\$00
Batatas	\$03	\$44	\$90	22\$00
Carne/vaca	\$40	3\$80	4\$80	850\$00
Carne/porco	\$48	4\$40	9\$60	450\$00
Feijão	\$07	\$65	\$20	110\$00
Manteiga	1\$00	7\$50	20\$00	90\$00
Pão	\$09	\$70	2\$00	35\$00
Carvão	\$03	\$22	\$65	50\$00

do PORVIR

MEDICINA POPULAR

O SONO

Mais de 30 por cento de indivíduos vão ao médico por causa de insónia. Quase sempre desconhecem regras elementares que lhe proporcionariam um bom sono. Este não se mede aos palmos, isto é, em termos de horas (a duração varia de uma pessoa para outra), mas consoante o estado de "frescura" que se experimenta no decurso do dia.

Se o sono é uma resposta positiva à necessidade do organismo para se recuperar das lides diárias, há que estimá-lo e dar-lhe toda a atenção, tal como se presta ao sistema respiratório ou digestivo.

Uma vida equilibrada, nem demasiado sedentária, nem excessivamente fatigante (em correria), é a primeira regra de um bom sono. A marcha, o exercício físico, são suportes de uma noite bem dormida.

Estômago super-cheio ou vazio acarretam uma má noite. Assim, o jantar deve ser pensado: carne ou peixe sem ser em excesso, leite, verduras, fruta.

O café, o álcool e o chá têm normalmente um efeito adverso, tirando o sono.

Um quarto arejado, um leito conveniente, as horas certas, parecem pormenores insignificantes, mas determinam, por vezes, um bom sono.

O importante é respeitar regras de higiene, adquirir bons hábitos e libertar o espírito de preocupações, que deve meter na gaveta, como a roupa, até ao dia seguinte.

Dormir é, para o adulto, recuperar. O sono significa, para as crianças, crescer e desenvolver-se. Para todos, um acto aparentemente simples, mas imprescindível para viver...

CENTRO DE DIA

Entre a numerosa correspondência que vimos recebendo do deparamos com algumas cartas onde nos perguntam se é possível visitar o "Centro de Dia".

Decerto que sim! Aliás, é sempre com grande alegria que recebemos todos aqueles que desejem vir inteirar-se do funcionamento desta grande Obra de Assistência Social.

O horário mais adequado será, em princípio, das 12 às 17 horas - para não colidir com as tarefas interinas da assistência aos albergados que, em outras horas, mobilizam todo o pessoal disponível.

Através dos tempos...

MESTRE DO SARDOAL

Como foram descobertos os célebres quadros

por meados de 1938...

NA minha última visita a Abrantes, o acaso levou-me a encontrar o advogado Sr. Dr. David Serras Pereira, meu contemporâneo em Coimbra, que me convidou a visitar a vila onde nascera — o Sardoaal.

A passagem do *Guia de Lisboa*, que anunciava a existência, na Matriz, de algumas tábuas, sem dar a menor indicação do assunto e autoria, levou-me a aceitar a proposta do Dr. Serras Pereira.

Sardoaal é uma bonita e asseada vila, distando poucos quilómetros de Abrantes. As suas igrejas — Matriz, Misericórdia e Nossa Senhora da Caridade estão cheias de formosos motivos arquitectónicos, do gótico e da renascença, excelentes altares e boa estatuária. Ao percorrer a Matriz não dei logo pela existência das pinturas. Mas o solícito pároco, Rev.º Eduardo Dias Afonso, levou-me à casa da Irmandade do Santíssimo, que fica sob a capela-mór, onde se me deparou o estranho e belo retábulo do começo do século XVI, obra pictural de excelente modelação e colorido.

O retábulo do Sardoaal, hoje dividido, compõe-se dos seguintes painéis pintados sobre tábuas de carvalho:

Busto de Cristo, nimbadado, com a cabeça coroada de espinhos, a corda ao pescoço, as mãos chagadas, em atitude de orar — obra admirável de realismo e de espiritualidade.

Busto de S. Pedro, com as mãos muito bem modeladas, cruzadas sobre o peito e em uma delas à chave.

Busto de S. Paulo, com as mãos postas, e para além delas a espada. Os rostos dos dois santos não são menos belos e expressivos que o de Cristo.

A Virgem da Anunciação.

O Anjo da Anunciação, empunhando o cetro, encimado por um ornato gótico flamejante, com tintinábulo.

S. João Baptista, com o livro e o cordeiro.

S. João Evangelista, com o livro e o cálcamo.

O mestre e seus colaboradores dos painéis do Sardoaal são tão largos no tratamento das suas figuras que, ao vê-las, nos passa irresistivelmente pelo espírito, a galeria formidável dos personagens de Nuno Gonçalves e seus parceiros.

O Cristo, a Virgem e os Santos constituem motivos dominantes nas tábuas do Sardoaal, ocupando-as de alto a baixo, e, em verdade, enchendo-as inteiramente. Os pormenores — a arquitectura, a paisagem, os panejamentos dos fundos, os objectos simbólicos são discretos acessórios, aliás primorosamente tratados pelo pintor. Repare-se, sobretudo, na orla da capa rica do anjo que, à semelhança do da *Assunção* de Coimbra, é formada por um galão salpicado de pérolas e debruado nos dois lados por cordões entrançados; repare-se na jarra dos lírios, do painel da Virgem, na espada de travessão de S. Paulo, no nimbo do Salvador.

Largo e nítido no desenho, certo e opulento nos volumes, movimentado e rico nos panejamentos, assombroso de doce e recolhida expressão nos rostos, nas mãos, nas atitudes, o mestre dos quadros do Sardoaal é, sem exagério, um dos mais fortes representantes da pintura portuguesa do primeiro terço do século XVI.

Dr. João Couto

in "Bolet. da ACADEMIA NACIONAL
de BELAS ARTES, Lisboa -1939

O BAIRRO da MISERICORDIA

Concluídos há cerca de dois anos e meio, os seus blocos habitacionais ainda não puderam ser preenchidos pelas famílias a que se destinam.

Com efeito, houve, primeiramente, os contratamentos levantados pela Câmara quanto à definição do direito de posse sobre uma parcela de terreno dessa zona — o que, em consequência, levou o Município a só há muito pouco tempo se ter decidido a fazer a ligação das condutas de água, dos adutores das canalizações sanitárias, bem como a electrificação do local.

Mas deixaria por fazer a regularização do piso dos arruamentos, valetas e escoadouros das águas pluviais. De igual modo, nos locais onde deveriam ter sido construídos os passeios encontram-se, ainda, montes indiscriminados de terra solta — que, com as últimas chuvas se convertiam em largas pastadas de lama viscosa e imunda.

É esta, pois, a razão fundamental porque os 36 fogos do Bairro ainda estão sem locação, de há tanto tempo, o que já fez perder à Misericórdia, inutilmente, nestes 30 meses, alguns milhares de contos em rendas — os quais bem poderiam ter sido utilizados nas obras de assistência desta Santa Casa.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardoaal - 2230 SARDOAL

Nº 6 - Janeiro de 1984

(Distribuição gratuita)

Publicação mensal